

LEAL, Natacha S. 2016. Nome aos bois: zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite. São Paulo: Hucitec/Anpocs.

Míriam Rebeca Rodeguero Stefanuto
Mestre em Antropologia Social pela
Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/UFSCar)
miriamstefanuto@gmail.com

“talvez fosse melhor para o sistema produtivo se as carcaças se produzissem sozinhas, evitando o contato com este intermediário problemático” (Sordi 2013: 116).

O “intermediário problemático” a que se refere Caetano Sordi são os animais de corte. Aqueles que, mesmo dentro de indústrias cada vez mais mecanizadas e automatizadas, permanecem agentes intencionais e, com suas intenções de sobreviver, resistem como podem ao abate, e ora comovem, ora enfurecem, os trabalhadores que têm de lidar com essa matéria prima viva das indústrias de carne. A linha de produção seria ainda mais previsível e fluida se fosse possível, de algum modo, produzir carne sem matar animais.

A antropologia se dedica já há algum tempo a olhar mais de perto para o funcionamento das indústrias de carne, desde a criação de animais até a exposição dos seus produtos pouco antes de chegarem ao prato dos consumidores. O que se destaca nessa trajetória produtiva é o esforço em desvincular os animais da carne que eles se tornam, como se, de fato, já produzíssemos carcaças sem “intermediários problemáticos”. Mesmo na literatura, diante dos matadouros de Chicago o olhar se esquia e prefere ignorar a “carne torturada” dos animais, mas também dos trabalhadores, nas linhas de produção (Brecht 2001).

O livro de Natacha Leal, por sua vez, surpreende por tratar de uma pecuária em

que não seria possível, mesmo que se desejasse, subtrair os animais da produção de um gado de elite ou afastá-los dos criadores envolvidos. Cada espécime é a materialização do conhecimento que envolve esse mercado, onde os animais e seus donos produzem-se mutuamente enquanto elite, de modo que seria impensável separá-los, como é muito bem apresentado pela autora nas várias esferas – históricas, políticas, científicas e familiares – em que se misturam bois e homens.

No primeiro capítulo, “Conversa pra boi dormir: raça, seleção, registro e o gado zebu”, a autora realiza breve apanhado histórico dos primeiros passos em direção à formação de um negócio em torno do gado de elite no Brasil. Desde que os bovinos começaram a abrir espaço para a colonização, o país não cessou de sentir os efeitos dessa presença em diferentes conjunturas econômicas, sociais e políticas. Depois de rasgar os sertões do Nordeste, ser charque no sul do país e atender às demandas da mineração, a pecuária aparece como alternativa àqueles que anteriormente exploravam ouro no centro de Minas Gerais. A região primeiramente conhecida como Sertão da Farinha Podre e, posteriormente, como Triângulo Mineiro, era propícia à criação de gado e próxima do primeiro abatedouro instalado no Brasil, em Barretos, no interior paulista. Foi ali que, ao longo do século XX, Uberaba acabou por tornar-se importante fornecedora de animais enviados para o abate e criadora dos espécimes de elite mais caros do mundo.

Os detalhes da entrada dos zebus em solo brasileiro são incertos, mas é possível afirmar que as primeiras importações de animais vieram do continente africano e, mais tarde, da Índia. O objetivo dessas primeiras aquisições de espécimes de elite indianos era a busca de animais “raçadores” para promover cruzamentos mais controlados e, assim, corrigir o sangue “diluído” das primeiras reses trazidas ao país, muitas “azebuadas”, mas poucas de “puro-sangue”. No caminho para a criação do gado zebu, surge a raça Indubrasil, considerada “legitimamente brasileira”, que viveu seu apogeu entre os anos 1930 e 1940 e depois cedeu espaço ao gado Nelore, também zebu, e que hoje compõe 80% do rebanho nacional.

No processo de selecionar animais a partir de “raçadores” estrangeiros e estabelecer critérios rígidos de definição dos tipos bovinos, a ABCZ (Associação Brasileira de Criadores de Zebu, importante personagem do livro) criou os registros genealógicos dos animais a fim de mapear e controlar o parentesco do gado de elite. A rigidez dos registros faz com que os animais cadastrados sejam puros de origem, mas não garante a um animal ser de elite, ou ter *pedigree*. Além de ser “belo” e “simétrico”, o animal deve corporificar o trabalho do criador que o produziu. O *pedigree*, o animal, de fato, de elite, se faz com um fenótipo específico, mas também com o processo de seleção dos animais, das famílias

criadoras e das vendas de material genéticos e leilões bem-sucedidos bem sucedidos.

Para muitos zootecnistas e veterinários, as tecnologias reprodutivas e programas de aprimoramento genético superam critérios subjetivos e a preocupação com o fenótipo dos animais, e permitem intervenções mais precisas e seguras na seleção dos espécimes. É a partir da genética que técnicos e cientistas argumentam que muitos animais sem registros genealógicos, ou aqueles que são puros de origem, mas não participam de leilões, possuem “valor genético” superior aos dos espécimes de elite. Segundo eles, as preocupações do mercado do gado de elite estão alheias às demandas da produção de carne, valorizando beleza e simetria demasiadamente e causando poucos efeitos positivos no gado destinado à indústria da carne.

No segundo capítulo, “Entre fazendas e laboratórios”, a autora mostra que, apesar das contradições, o mercado de gado de elite não ignora os avanços em tecnologia e genética, muito pelo contrário. Os animais são não somente espécimes exemplares de suas raças como são encarados, e comercializados, como “depósitos de capital genético”. Nesse sentido, um animal é leiloado e avaliado por tudo aquilo que ele é e materializa, mas também por tudo aquilo que ainda será por meio da influência e efeitos da venda de seu material genético para inseminação – ou seja, na qualidade de sua descendência.

O gado de elite tem como objetivo ser um “modelo racial” para o gado de corte, melhorando os espécimes comuns que se destinam ao abate e processamento¹. E são modelos criteriosamente selecionados. Nas fazendas de criação de gado de elite, os espécimes que não atendem às exigências são enviados para o abate, ou, como dizem os próprios criadores, para o “descarte”. Assim, aquilo que aparece como a finalidade dos exemplares de elite é também encarado como um mercado de rejeitos, onde os valiosos genes de elite se dissipam entre animais anônimos destinados a ser carne. Mas o gado de elite possui outros modos de se diferenciar. Apesar da eficácia em evitar doenças ou produzir determinadas características, os genes não se comparam ao “sangue”, pois é esta substância que contém um determinado fenótipo, mas também certo temperamento e uma potência próprios do gado de elite. E a distinção entre ambos alcança aqueles que lidam com os materiais: os genes, dissipadores, são manipulados pelos donos comuns de gado comum; aqueles que trabalham com sangue, potente, estes são os criadores de gado de elite.

No terceiro capítulo, “Do valor do gado de elite”, a autora se demora um pouco

1 Contudo, apesar de um melhoramento genético dos rebanhos alcançado pela utilização de sêmen de reprodutores com considerável “mérito genético”, somente 12% das matrizes do rebanho nacional são inseminadas (Baruselli 2016).

mais para falar sobre os leilões, os luxuosos eventos em que são julgados bois e homens. Ao mesmo tempo, é o momento, na pecuária brasileira de elite, em que mais aparecem as mulheres, pois são as filhas, esposas ou irmãs dos criadores, muitas vezes, as principais encarregadas de organizar os leilões nas fazendas das famílias. E saber “fazer leilão” é crucial para estabelecer e manter relações nesse meio, tanto quanto saber “fazer gado”. Um leilão ganha prestígio por receber criadores famosos no mercado de elite, mas também por oferecer um *menu* à altura de seus convidados e por ser animado por aqueles que vão apenas observar e se divertir. Além disso, é de muito bom tom, após ter uma rês adquirida por um alto preço no mercado de elite, comprar, também por altas cifras, um animal daquele com quem se fez negócios anteriormente.

No evento que mobiliza diversos tipos de profissionais, são avaliados criadores e criaturas, e ambos precisam ter “algo a mais”, que é produzido mutuamente pelos pecuaristas, que colocam em prática sua *expertise*, e pelos animais, que são o resultado desse conhecimento. Esse “algo a mais” é decisivo no valor de um espécime de elite e sofre mudanças ao longo das trajetórias de animais e homens. Uma rês premiada tende a valorizar os genes de sua mãe, mesmo que esta não frequente mais as pistas de leilão, e fazer seu dono ser ainda mais reconhecido. Da mesma forma, muitos animais são bem avaliados em grande parte por possuírem, tal como uma obra de arte², a “assinatura” de determinado criador. Opera, portanto, uma construçãoconstrução mútuas – e interespecífica – de reputações.

Nos leilões, assim como na criação dos animais de elite, mais do que o olhar técnico de zootecnistas e veterinários, importa o “olhar treinado” de criadores experientes, capazes de enxergar potencialidades e nuances em cada espécime em particular. O olhar é treinado na prática, lidando com os animais, mas também é algo que está “no sangue” daquelas famílias de criadores que possuem uma notável trajetória junto ao gado de elite.

No quarto capítulo, “O sangue dos zebus e dos zebuzeiros”, impressionam a proximidade das genealogias dos espécimes de elite com as de seus criadores, e o quanto recuperar a história das primeiras seleções e importações de gado de elite é reconstruir a história familiar de seus criadores. Quando os primeiros “raçadores” foram trazidos ao país, eram promovidas cruzas entre eles e vacas de mesma raça ou fenótipo semelhante. As filhas resultantes desses acasalamentos também eram colocadas para gerar filhas com os “raçadores”, e o mesmo acontecia com as netas. Esse processo possibilitou criar linhagens

2 Se um espécime de elite é similar a uma obra de arte que leva a assinatura de seu dono e “encanta” os olhos ao ser apreciada, o mercado de gado de elite também se assemelha ao da arte no quesito “lavagem de dinheiro”. Assim como uma obra de arte, as estimativas do preço de um animal de elite estão cheias de subjetividade, o que facilita forjar grandes ganhos com vendas a preços exorbitantes (Gaspar 2017).

de animais que compartilhavam de um conjunto de características similares. A endogamia também tinha por função concentrar, no “sangue” dos zebuzeiros, o saber sobre o gado, e, fora dele, aproximar os familiares em um “convívio” com mercado e a criação do gado de elite.

Mas não só de concentração e pureza se faz um bom sangue. Em alguns momentos, é preciso fazer o inverso e “refrescar” o sangue das linhagens bovinas, inserindo espécimes novos e mais distantes, ainda que também, claro, “de elite”. Da mesma forma, o surgimento de investidores e interessados que não se fizeram nas fazendas, renova o mercado de gado de elite brasileiro. Os novatos, que se aventuram nesse universo sem ter conhecimentos e “bom olho” no sangue, precisam ser “iniciados” pelos zebuzeiros mais antigos, dos quais recebem assessoria. Talvez não venham a adquirir tão acuradas habilidades, mas podem, no “convívio” e frequentando feiras e leilões, tornarem-se melhores zebuzeiros. Por isso é essencial não se manter um investidor interessado apenas no lucro, mas procurar saber sobre o gado e “familiarizar-se”.

O quinto e último capítulo, “O boi tropical”, explora o modo como o processo de desenvolver um tipo de bovino esteve associado, também, a um projeto de país. Para uma nação mestiça, foi produzido também um boi mestiço, cujo sangue ora era apurado e engrossado, ora era “refrescado” com a inserção de novos genes e espécimes. Tal mestiçagem, contudo, não impediu que a pecuária de elite se alinhasse ao discurso eugenista que marcou as primeiras décadas do século XIX. Assim como se buscavam, e se buscam ainda hoje, bois e vacas cada vez mais aperfeiçoados através de cruzas específicas, intencionava-se chegar a um humano melhor por meio do branqueamento. Contudo, enquanto o humano deveria ser aperfeiçoado em direção à suposta superioridade europeia, o gado brasileiro caminhava na direção de ser resistente às verminoses e ao sol tropicais por meio de cruzamentos com animais que não eram europeus, os zebus indianos.

Antes considerados animais exóticos, dignos de serem exibidos em zoológicos pelas suas imponentes corcovas (os cupins), os zebus foram sendo construídos como modelos não só estéticos e raciais, mas de desenvolvimento. Na mesma trajetória, as famílias de fazendeiros, que antes precisavam se aventurar em expedições à Índia em busca de animais de elite, hoje produzem e comercializam os espécimes de elite mais caros do mundo em solo brasileiro. Apesar de alguns impasses e desvios, a reverência aos criadores de gado de elite sempre esteve presente por parte de governantes ou candidatos ao governo, em alguns casos sendo eles mesmos os próprios criadores. Desse modo, os interesses da pecuária e dos governos brasileiros convergiam e convergem em propostas similares de colonização do território e investimentos.

Zebus e zebuzeiros foram se produzindo e se inventando mutuamente ao longo dos anos, sustentando-se enquanto elite na manutenção de um sangue apurado e potente e em relações de parentesco humano e bovino. Mantêm-se distantes de uma pecuária em que o vínculo entre humanos e animais não é da ordem do parentesco ou do convívio, mas da partilha das mesmas linhas de produção de carne que matam ininterruptamente uns enquanto exaure os corpos de outros. Mantêm-se ainda, com sua força econômica e política, como um dos sustentáculos da ideia do agronegócio como vocação brasileira, e promete melhoramentos significativos para animais de corte, mas não ao ponto de borrar a distinção entre ambos.

De encontro a essa pecuária não só autoproclamada, mas historicamente produzida, enquanto destino econômico bem-sucedido bem sucedido do país, o livro apresenta ferramentas e dados valiosos para pensar as contradições históricas e atuais que compõem as questões agropecuárias no Brasil. “Nome aos bois” trata, portanto, de uma pecuária e um país que, assim como zebus e zebuzeiros se fazem mutuamente, se construíram e se constroem enquanto projeto de nação e vocação econômica. Tão similares e com trajetórias que a todo o momento se cruzam, estão ambos, o boi e o país tropical, escorados na distinção entre gado, e pessoas, de elite e de “descarte”. E assim como é descartado o gado que não atende aos rigorosos padrões de uma elite bovina, são descartadas as pessoas que, de uma maneira ou de outra, se encontram no caminho das pastagens, fazendas, projetos e patas do agronegócio.

Referências

- BARUSELLI, Pietro Sampaio. 2016. “IATF supera dez milhões de procedimentos e amplia o mercado de trabalho”. *Revista CFMV*, ano XXII, n. 69: 57-60.
- BRECHT, Bertold. 2001. *A Santa Joana dos Matadouros*. São Paulo: Cosac Naify.
- GASPAR, Malu. 2017. “O Rei do Gado - A trajetória política e os negócios privados de Jorge Picciani, o mais longevo presidente da Assembleia fluminense”. *Piauí*, ed. 126 (Disponível em <http://piauialternative.homolog.inf.br/materia/o-rei-do-gado/>, acesso em 11/07/2018).
- SORDI, Caetano. 2013. *Das Carcaças e Máquinas de quatro estômagos: Estudo das controvérsias sobre o consumo e a produção de carne no Brasil*. Dissertação de Mestrado. PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Recebida em 10 de julho de 2018

Aceita em 17 de julho de 2018